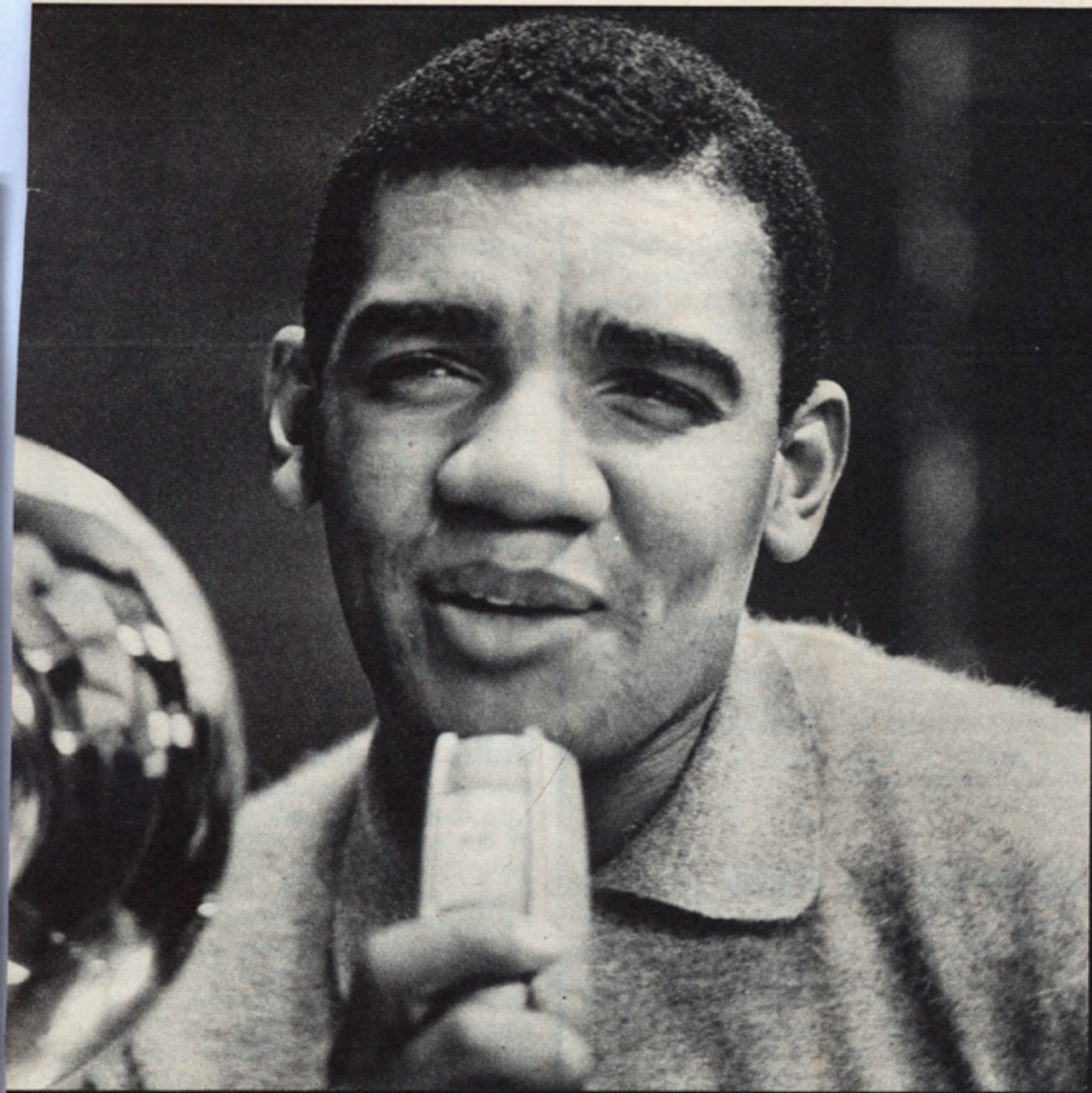


A MECA DA MÚSICA



Das primeiras noites da bossa, organizadas pelos universitários paulistas, nasceu a idéia dos programas que hoje atingem excelente índice de audiência nas tevês. *O Fino da Bossa*, gravado em fita tôdas as segundas-feiras pela TV Record, em seu teatro sempre superlotado, reúne o que há de melhor em música nova no Brasil. Paulinho Machado de Carvalho, diretor da emissora, começou contratando cartazes internacionais, como King Cole, Aznavour, Ella Fitzgerald, Sammy Davis Jr., Louis Armstrong. Mas, um dia, descobriu que, em São Paulo mesmo, nossa música poderia, se bem aproveitada, transformar-se em grande sucesso. Impôs disciplina profissional, exigiu exclusividade, pagou bem aos artistas. Assim nasceu *O Fino da Bossa*, programa comandado por Elis Regina, que conta hoje com quinze dos maiores *cobras* da nova música. A fôlha de pagamento do programa, só com cantores, atinge soma superior a 30 milhões de cruzeiros.

80% DO MELHOR O diretor da Record foi além, levando ao ar outros programas. Surgiram *Bossaudade*, sob o comando de Elisete Cardoso, *Jovem Guarda*, tendo à frente Roberto Carlos. Se cabe a Paulinho Machado de Carvalho o mérito de grande empreendedor, cabe a Manuel Carlos o sucesso artístico dos musicais da Record. É ele o responsável pela direção de *O Fino da Bossa*, *Bossaudade* e *Astros do Disco*. Tem à sua disposição mais de 50 artistas, que representam cêrca de 80% do que existe de melhor em cada setor musical. Há muito que vinha lutando pela música popular brasileira. Agora, na Record, tem sua grande chance. Mas Manuel Carlos acredita que o Rio ainda é "a pátria da maioria dos grandes artistas". Explica o grande movimento artístico de São Paulo pelo bom cachê que o profissional recebe, mas "nenhum deixa de exhibir-se no Rio, nem que seja de graça. O preço do artista é o prestígio que tem lá".

RIO, A PÁTRIA A grande causa da transformação de São Paulo em centro musical do país é sintetizada, por Manuel Carlos, numa explicação bem simples: "Em São Paulo sabe-se congrega melhor do que no Rio. Aqui há menor dispersão. O desenvolvimento é constante e não se acredita muito no regime do "por favor". Tudo é pago. E bem pago. Isto atrai." Outro batalhador é Válder Silva, que organizou, para as faculdades paulistas, no Teatro Paramount, 17 sessões de bossa nova. Recentemente, produziu o LP *Dois na Bossa*, o mais vendido da história da fonografia brasileira. Contratado da TV Tupi, produz o programa *Bo-65*. Para ele, o fenômeno de São Paulo é apenas "a resultante das grandes oportunidades criadas e do senso de disciplina profissional". Tôda industrialização está sujeita a crises, mas Válder Silva tem a convicção de que a bossa jamais sucumbirá. "Ela deixou de ser apenas um movimento, para se tornar a própria música popular do Brasil."



ULISTA: SEJA WILSON SIMONAL OU O COMPOSITOR SÉRGIO RICARDO, AQUI ACOMPANHADO DE TOQUINHO E MONINI

A MECA DA MÚSICA

A vida noturna é, em princípio, a maior prejudicada com a valorização do artista. Os altos salários obrigam as casas a um faturamento quase impossível. Mesmo assim, a noite paulista é cheia de atrações. E, ao contrário do que acontece no Rio, são boas as compensações financeiras. Para Paulo Cotrim, que revolucionou a noite com seu João Sebastião Bar, não há crises em sua boate. Apesar do altamente inflacionado mercado artístico, êle garante, a seus fiéis freqüentadores, excelentes *shows* de bossa.

AS NOITES CHEIAS Claudete Soares, Eli Arcoverde e Sérgio Augusto possibilitam ao proprietário da casa a afirmação de que "assim como a Inglaterra jamais deixará de ser Inglaterra, o João jamais deixará de ser João". O Le Club é boate nova. Espetáculos caríssimos, com Edu Lôbo, Nara Leão e Trio Tamba, apresentados em conjunto, em dois *shows* noturnos, mantêm a casa sempre cheia. Araci Côrtes e Clementina de Jesus, apresentando o samba de tôdas as épocas, levam à boate Ela, Cravo e Canela o espetáculo teatral que foi *Rosa de Ouro*. Na onda da música popular brasileira, surgiu ainda o fenômeno da Galeria Metrôpole. Recém-construída no centro de São Paulo, abriga, em seu interior, nada menos de 26 boates. E o número tende a aumentar. Mais da metade dessas casas apresenta bossa nova. É o caso das já famosas Estão Voltando as Flores e Aquela Rosa Amarela. Por incrível que pareça, até os *inferninhos* da Rua Major Serfório estão apresentando música nova do Brasil.

O ALEGRE PÚBLICO O teatro não ficou alheio a êsse avassalador processo. A bossa nova propiciou

a oportunidade com a qual atôres e atrizes sempre haviam sonhado. Era a colocação da música como síntese do texto da peça, funcionando também como parte integrante do espetáculo. O público, já predisposto pela intensa publicidade, aceitou a novidade, e a prestígia. São jovens os que mantêm em cartaz quatro musicais, dentro dos 8 teatros funcionando na cidade. Quem comandou a experiência foi o Grupo Arena, com *Opinião e Liberdade*. Tendo em cartaz duas peças, *Arena Conta: Zumbi e Arena Canta a Bahia*, prepara terreno para nôvo espetáculo: *É Um Tempo de Guerra*, poesias de Brecht, vestidas com música popular brasileira. Aproveitando a chamada bossa velha, o Teatro Oficina tem em cartaz *Rosa de Ouro*, enquanto o Tuca, teatro de jovens da Universidade Católica, leva *Vida e Morte Severina*, do poeta João Cabral de Melo Neto, com músicas de Chico Buarque de Holanda. Todos fazendo sucesso.

OS DONOS DOS DONOS Por detrás dos bastidores, atento à maneira como o público reage aos menores gestos dos artistas, está o empresário. Cada trejeito, cada sorriso bem dado, por menor que seja o detalhe, podem ser transformados em lucros maiores. Às vezes frio, avaliando o artista pelos proveitos financeiros que possa obter, é o empresário quem, na realidade, populariza o talento dos artistas, tornando-os cartazes nacionais. Marcos Lázaro, um argentino, entusiasta da música do Brasil, residindo em São Paulo, emprega os maiores nomes da bossa nova. Entre outros, Elis Regina, Edu Lôbo, Zimbo Trio, Baden Powell, Nara Leão e Trio Tamba. Para Lázaro, só na capital paulista há clima para se aproveitar co-

mercialmente o que de bom o Rio cria em matéria de música. Reconhece, em São Paulo além do potencial financeiro, um público simpático e otimista que, permitindo salários altos, transforma a cidade em centro de divulgação artística do Brasil. Bom empresário, êle quer conservar ao máximo o valioso material humano que tem em mãos. "A única solução — diz — é a que foi adotada na Europa e nos EUA: temporadas curtas. Como consequência, público em aplauso constante. Só assim os altos salários podem ser mantidos. Para que o artista jamais canse o público, até o fim do ano muita gente boa vai sumir, por uns tempos, da praça musical."

INDÚSTRIA DO SAMBA Como corolário de um processo que, ao artístico, juntou o financeiro, encontram-se em grande atividade as fábricas de discos. E os mais vendidos têm como cenário de gravação os auditórios. No Teatro Paramount foi gravado, ao vivo, o primeiro LP de grande sucesso da bossa nova: *O Fino da Bossa*, com Elis Regina e Jair Rodrigues. Noventa mil exemplares já foram vendidos, o que se constitui no maior recorde de todos os tempos, no Brasil. E mais: dos 25 LPs mais vendidos, em todo o território nacional, 70% são de música popular brasileira. Não há necessidade de caras importações de matrizes, e a mão-de-obra, comparativamente com outros países, é barata no que se refere à parte técnica; nas gravações diretas se dispensa o uso de estúdios. E os lucros são tentadores. Finalmente, há sempre a possibilidade de exportação. Tudo resultado do sucesso que São Paulo conseguiu imprimir à música popular do Brasil.



CHICO BUARQUE MUSICOU VIDA E MORTE SEVERINA



CLAUDETE SOARES ESTÁ NO JOÃO SEBASTIÃO BAR



SABÁ É UM DOS SUCESSOS DO JONGO TRIO